

Do silêncio ao testemunho: história de um ribeirão do rio

Xingu

Flavia Gleich

2019

Em 1914, no texto *Recordar, repetir e elaborar*, Freud estabelece uma dinâmica entre o esquecimento promovido pelo recalque e a repetição sintomática: a compulsão à repetição seria a forma cambaleante do neurótico tentar trazer à consciência uma cena, uma fantasia, um pensamento recalcado. O sintoma, sabemos, tem uma dupla função: a de produzir em ato aquilo que foi esquecido e produzir, simultaneamente, um simulacro de prazer proibido. Ao dar vazão ao retorno do recalcado, o sintoma é uma forma bastante peculiar do sujeito recordar; caberá ao analista a leitura dessa forma de recordação instigando o sujeito para que ele tente colocar em palavras, em seu tempo, o que ainda não possui nomeação.

Segundo observa Maria Rita Kehl¹ (2014), hoje é claro que tal necessidade de elaboração psíquica pode ser observada tanto nas modalidades de sofrimento psíquico individual quanto nas repetições de fatos violentos e traumáticos que marcam as sociedades modernas, governadas com base na supressão de experiência histórica. A autora estabelece um ponto de encontro entre a teoria psicanalítica e as formulações teóricas desenvolvidas por Walter Benjamin. O filósofo alemão atentou para os efeitos deletérios das guerras sangrentas (aliadas ao capitalismo moderno) do século passado. Foi a partir delas que ruiu o que era característico das narrativas tradicionais, que ofereciam até então criação de sentido às experiências históricas; a transmissão, realizada a partir da repetição das

¹ História e Repetição. In. Paradoxos da Repetição (2014). Ed. Annablume. Org. Dominique Fingermann

narrativas, tinha o caráter de preservar as experiências dos homens de uma determinada época, sustentando um imaginário coletivo, além de criar uma cadeia de pertencimento: uma pessoa que escuta uma história, ao narrar para outra, inclui a experiência de quando a ouviu.

Benjamin afirmara que a recém-terminada Guerra Mundial tinha sido um dos acontecimentos mais terríveis da história; o horror não pôde ser transmitido, uma vez que os soldados que voltavam das trincheiras estavam emudecidos, impedidos de narrar o que haviam vivido nos campos de batalha.

Freud também notou o impacto nos soldados que viveram o terror nas trincheiras e apresentavam sonhos compulsoriamente repetitivos; essa observação foi determinante para que ele revisasse sua teoria formulada até então. Foi em seu célebre ensaio *Além do Princípio do Prazer*, de 1920, que as neuroses traumáticas passaram a ser estudadas lado a lado das neuroses de guerra. Freud não negou o que havia afirmado anteriormente – que no sintoma há uma luta travada entre as fantasias inconscientes e a censura – mas ampliou em larga escala a compreensão sobre o aparelho mental e reviu, definitivamente, a conflitiva psíquica. A eclosão da Primeira Grande Guerra, e com os notáveis efeitos dela nos sujeitos, fez com que Freud começasse a plantar modificações fundamentais na teoria e na clínica psicanalíticas, evidenciando a psicanálise como um saber capacitado a analisar fenômenos da sociedade e da cultura a partir das dinâmicas inconscientes que os determinam.

Se entendemos que o sintoma neurótico é a verdade recalcada que retorna como uma espécie de charada que o sujeito não decifra, o mesmo vale para os sintomas sociais. Eles também pedem por reconhecimento, nomeação e elaboração. No caso brasileiro ainda vivemos os efeitos da falta de acesso à verdade dos períodos ainda silenciados de nossa história, desde a colonização, seguido do período escravocrata até a ditadura civil-militar. Nesta última, por exemplo, a forma com a qual os militares negociaram o governo de transição, através da Lei de Anistia, promoveu um verdadeiro convite ao esquecimento. (Kehl, 2014).

Um episódio recente e que encena algumas destas dinâmicas é o da usina de Belo Monte, no Pará. A elaboração do projeto nos remete ao período civil ditatorial brasileiro, porém sua construção se efetivou na nossa recém conquistada democracia. Em seu controverso processo de implantação, uma série de violações de direitos humanos foi colocada em curso. Neste cenário, produtor de intenso sofrimento psíquico, em janeiro de 2017, fiz parte, ao lado de um grupo de psicólogos e psicanalistas, de um projeto que visava a escuta clínica dos ribeirinhos do rio Xingu e a documentação deste processo de violenta transformação no território².

Relato a seguir, de forma breve, o atendimento clínico feito a um dos ribeirinhos afetados pela construção da barragem. Algumas das reflexões

² O projeto foi idealizado pela jornalista Eliane Brum, junto dos psicanalistas Christian Dunker e Ilana Katz. A ida a campo tinha dois objetivos: 1) ajudar a inscrever no tempo parte das experiências vividas durante a construção da hidrelétrica e devolver esse conteúdo àqueles que nos contaram suas histórias e 2) refletir sobre o sofrimento e as soluções encontradas por cada um dos atendidos para mitigar este sofrimento, na intenção de ajudar a elaborar minimamente o vivido.

Ver <http://psicanalisedemocracia.com.br/2016/09/refugiados-de-belo-monte-por-ilana-katz-eliane-brum-e-christian-dunker/> mais em:

suscitadas por Freud e Benjamin me acompanharam durante o percurso.

Encontramos seu Francisco em frente à sede da comunidade. Ele fez questão de nos acompanhar até sua casa pois temia que pudéssemos nos perder caso entrássemos no bairro sozinhas. Após uma longa caminhada, avistamos sua mulher e seus três filhos que estavam nos aguardando na porta da casa – todos participaram da conversa.

Ao nos relatar a história das atividades de renda dos seus pais e avós (algumas extintas hoje), seu Francisco foi nos contando também sobre a história do município de Altamira. Seu avô no início do século passado se dedicava à “caça de gato” (onça). Posteriormente, tornou-se seringueiro – esta mesma atividade foi ensinada a seu pai e depois para o próprio Francisco, quando ainda era pequeno. Com o preço baixo da borracha e com histórias de violência envolvendo a extração da seringa, seu Francisco migrou para o garimpo e, depois, mais uma vez, para o comércio de peixe que se mostrava, à época, mais rentável. Contou um pouco sobre a construção da Rodovia Transamazônia, disse que seu pai havia testemunhado “muita coisa” que aconteceu durante os anos de obra.

Ao narrar estes episódios, Seu Francisco disse que viver naquela região é viver para a mudança, “precisa ter no sangue a adaptação”. Ele, no entanto, disse que não queria trocar de atividade econômica mais um vez; entendia que ainda valia a pena lutar para ser um pescador. Mas um pescador diferente de antes. Ele agora precisaria de meios “extras” para

garantir sua sobrevivência³, pois sua renda no comércio de peixe havia sido radicalmente afetada pela barragem de Belo Monte. “No rio eu ainda tenho minha liberdade, é diferente de qualquer outro trabalho, eu sou o patrão de mim mesmo”. Seu Francisco conseguia rememorar seu passado e se projetar no futuro – esta habilidade fez com que antecipasse movimentos do consórcio responsável pela barragem. Contou, por exemplo, que, ainda no início das discussões com a empresa Norte Energia, tinha uma sensação de que o rio seria drasticamente afetado pela obra. A empresa defendia enfaticamente o contrário. Ele pediu então – coordenando a ação com outros ribeirinhos – que a empresa realizasse um levantamento apresentando as informações sobre tamanho, quantidade e espécie de peixes coletados pelos ribeirinhos pós-obra. Seu Francisco tinha um documento similar que detalhava a vida no rio em anos anteriores. Com esses documentos em mãos, seria possível comparar o impacto ocasionado pela obra.

Em dado momento da conversa, seu Francisco trouxe seus documentos reunidos, um calhamaço de papel pesado, e enquanto me mostrava, observei que seus filhos olhavam para o pai como se escutassem a história pela primeira vez. As meninas disseram que o pai nunca havia contado nada disso a elas; que seu Francisco guardava as coisas para si e ficava muito tempo em silêncio, pensando. A filha mais velha afirmou já ter pescado, embora não gostasse tanto, mas sentia muita falta de viver na beira do rio, sentia falta da convivência com o pai também. Quando a família se

³ Seu Francisco contou que faz parte do novo projeto do ISA (Instituto Sócio Ambiental), que envolve a transmissão do saber da atividade da seringa: antigos seringueiros ensinam pescadores interessados a realizar esta atividade de modo sustentável, com árvores de reflorestamento da região.

estabeleceu na casa da cidade, seu Francisco intensificou o trabalho, chegando a passar cinco dias por semana no rio. Foi a primeira vez na conversa que ele falou de sua solidão e a mão da filha mais velha pousou em suas costas com delicadeza.

Seu Francisco reconhecia-se como alguém que “desviava a rota” quando necessário, ao mesmo tempo em que se autodenominou como um “homem tradicional”: um homem que precisa mudar de emprego por conta das dinâmicas locais impostas, mas que tem uma “história de vida” nas atividades que cultivava. E era justamente esta “história de vida” cultivada no rio que o fazia continuar na “luta diária”. Para se perpetuar nela, falou, não só ele como os outros ribeirinhos necessitavam “fazer sua parte”, mas também todos os órgãos envolvidos neste processo, sejam eles governamentais, as ONGs atuantes da região, junto da sociedade civil. Cada um precisa fazer sua parte, disse, caso contrário não ganharão sozinhos, nunca se ganha a luta sozinho.

Kehl⁴ afirma que apesar do reconhecimento dos fatos geralmente não trazer boas notícias, em contrapartida, a supressão da verdade histórica é muito mais deletéria e produz sintomas sociais graves: a começar pela repetição patológica de erros e crimes passados. Para a autora, apoiada em Benjamin, “é necessário transformar a vivência bruta em experiência coletiva, pois somente ela é condição de elaboração da vivência traumática” (2014, p.121).

⁴ *idem*

Em Altamira estivemos amparados pela ética da psicanálise, que é a de ensejar a construção de narrativas. No território, tentamos encontrar formas de fazer circular a transmissão de tantas histórias, ouvir a memória local social atravessada por múltiplas bocas, versões plurais sobre aquela experiência: com sua tragédia e também com sua resistência. A história de seu Francisco foi contada, ali, de forma diferente, e chegou às suas filhas e mulher – que até então não haviam sido incluídas em sua narrativa daquela forma. Uma de suas frases que parece condensar o sentido atribuído à transmissão nos foi dita num dos últimos momentos de um dos encontros: “a humanidade pode se sustentar onde for possível construir histórias de vida”.

Referências Bibliográficas:

Benjamin, W. (1933). “Experiência e Pobreza” In: *Magia e técnica, arte e política – Obras Escolhidas I* (Tradução de Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo: Brasiliense, 1985

Benjamin, W. (1936). “O narrador” In: *Magia e técnica, arte e política – Obras Escolhidas I* (Tradução de Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo: Brasiliense, 1985

Freud, S. (1914). “Recordar, Repetir e Elaborar” In: *Obras Completas*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. Vol. 10

Freud, S. (1920). “Além do Princípio do Prazer”. In: *Obras Completas*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. Vol. 14

Freud, S. (1930). “Mal-Estar na Civilização”. In: *Obras Completas*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. Vol. 18

Endo, P. (2012). “Walter Benjamin, Sigmund Freud e o Trauma das Máquinas”. In: *Walter Benjamin – Rastro, Aura e História*. Org. Sedlmayer, S & Ginzburg, J. Minas Gerais: Editora UFMG, 2012

Kehl, M.R (2014). “História e Repetição”. In: *Os paradoxos da repetição*. Org. Fingermann, D. São Paulo: Editora Annablume, 2014